

Diários Virtuais/Visuais: uma Análise da Fotografia nos Fotoblogs¹

Anamaria Teles²

Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Resumo

Este trabalho procura refletir sobre o crescente fenômeno dos fotoblogs ou fotoblogs, diários visuais publicados na Internet nos últimos três anos. Muito mais visuais e fluídos que os weblogs, a primeira manifestação do gênero na rede mundial de computadores, os álbuns fotográficos virtuais trazem mudanças significativas na forma de exibição e circulação de imagens, instaurando novas práticas comunicativas.

Palavras-chave

Fotografia; Internet; Cibercultura.

A Fotografia na Era do Virtual

A fotografia não vive [...] uma situação especial nem particular: ela apenas corrobora um movimento maior, que se dá em todas as esferas da cultura, e que poderíamos caracterizar resumidamente como um processo implacável de “pixelização” (conversão em informação eletrônica) e de informatização de todos os sistemas de expressão, de todos os meios de comunicação do homem contemporâneo. A tela mosaificada do monitor representa hoje o local de convergência de todos os novos saberes e das sensibilidades emergentes que perfazem o panorama da visualidade (e também da musicalidade, da verbalidade) deste final de século. (MACHADO, 1997, p. 244)

Este trabalho surge de reflexões em torno da imagem fotográfica na era de sua “pixelização”. O avanço recente da tecnologia digital nos meios de comunicação e expressão não poderia se dar de forma diferente com a fotografia, arte/técnica que desde seu surgimento oficial em 1839, na França, até o presente não parou de evoluir, de

¹ Trabalho apresentado ao NP 20 – Fotografia: Comunicação e Cultura, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Professora de Fotografia do Departamento de Comunicação da Universidade Regional de Blumenau. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, defendeu em 2002 dissertação intitulada *Sereias e Anequins: uma etnografia visual com um grupo de pescadores artesanais da Barra da Lagoa, Florianópolis/SC*.

simplificar seu fazer, encurtando o tempo entre o disparo da câmera e a visão do resultado final, a fotografia propriamente dita.

Entre as mudanças trazidas para a área da fotografia com a tecnologia digital, que afetam o saber/fazer fotográfico, interessa especialmente aqui pensar a relação da sociedade com a fotografia, o *uso* que as pessoas em geral (e não apenas os profissionais da área) fazem desta nova/velha imagem – a fotografia digital - e deste novo/velho aparato - a câmera digital, mas também o scanner, que, como apontou Carlos Fadon Vicente, “é um dispositivo de varredura de dados dedicado à reprodução fotográfica de objetos, normalmente bidimensionais, podendo neste sentido ser considerado uma câmera” (VICENTE, 1998, p.331).

A fotografia digital só nos últimos anos entrou com força na vida cotidiana, embora já fosse disponível desde 1981, quando a Sony lançou a Mavica (Magnetic Video Camera), uma adaptação das câmeras de vídeo coloridas, mas que só registravam imagens estáticas – razão pela qual ficou conhecida como still vídeo, ou seja, vídeo estático. Desde o final da década de 90 empresas jornalísticas brasileiras já usavam a fotografia digital para acelerar sua rotina produtiva, mas é somente nos últimos anos que temos a possibilidade de acesso do fotógrafo amador a essa tecnologia.

Baseada na câmera convencional de filme, mas melhorada em alguns aspectos (como o problema da granulação excessiva com uso de ISO 800, por exemplo, ou da necessidade de se usar filtros diversos para corrigir a temperatura de cor de diferentes tipos de lâmpadas), a câmera digital surge como algo novo mas bastante familiar. Se no princípio a fotografia digital chegou a ser contestada, com teóricos e profissionais alegando que não se tratava realmente de uma fotografia, mas sim de uma “simulação digital da fotografia” ou de “imagens digitais de aparência fotográfica” (SCHMITT, 1999, p. 115), logo foi possível perceber que havia apenas uma mudança de matriz (do filme para o sensor eletrônico) e de suporte em alguns casos (do papel fotográfico para a tela do computador), mas que estávamos e estamos lidando com a mesma classe de imagens - captadas segundo o princípio da *camara obscura*, com seu registro da perspectiva renascentista e com maior ou menor manipulação, dependendo do interesse

do *Operator*³ ou do editor etc. A imagem fotográfica digital repete a imagem fotográfica convencional; a câmera digital funciona de modo semelhante à câmera de filme; os softwares utilizados para manipulação e edição de imagens substituem os efeitos anteriormente criados nos laboratórios fotográficos.

“Não se tem notícia de câmeras mais radicais, por exemplo, no sentido de seguir outros modelos de perspectiva; ou mesmo bizarras, quem sabe dotadas de memórias substituíveis, por exemplo, com paisagens para compor recordações de viagens imaginárias.” (VICENTE, 1998, p.331)

Agora mais leve e maleável, pois codificada em números do sistema binário, a fotografia digital, produzida com uma câmera digital ou escaneada, não perde seu status de fotografia, embora certamente traga novas questões para a discussão da imagem.

Uma das questões colocadas pela nova tecnologia é a mudança significativa na forma de exibição e circulação de fotografias verificada na rede mundial de computadores, a Internet, em especial a partir do crescente fenômeno dos diários fotográficos intitulados fotoblogs ou fotologs. Neste novo cenário, de pixels e cartões de memória, como se olha/lê as fotografias, nossas velhas conhecidas, quando ela perde a materialidade a qual estávamos acostumados? Qual o significado desta nova prática?

Um breve parêntese: a questão da materialidade da fotografia

Cabe aqui uma pequena digressão, pois a tentação de abordar a fotografia digital como algo imaterial é grande. Se olharmos os avanços tecnológicos ocorridos ao longo da história da fotografia, veremos uma progressiva simplificação, automação e perda de peso nos materiais sensíveis, em especial com relação a matriz onde gravamos a imagem captada. Da placa de cobre dos primeiros daguerreótipos ao ferro, do vidro aos materiais flexíveis (o filme de rolo que conhecemos), até chegarmos a uma imagem síntese, digital, a foto, em especial para os que lidam mais intimamente com ela, perde consideravelmente substância, principalmente se compararmos a imagem digital com os processos anteriores, ainda que possamos, uma vez descarregada a fotografia da câmera digital, vê-la no painel de cristal líquido da câmera ou na tela de um computador, gravá-la em CD-Rom ou imprimí-la.

³ Segundo a nomenclatura desenvolvida por Roland Barthes em **A câmara clara**, *Operator* é aquele que manipula a câmera; *Spectrum* é aquele que “suporta” a foto (o referente); e *Spectator* é aquele que lê a imagem. (BARTHES, 1984, p. 20)

Como argumenta Pierre Lévy, não há propriamente “desmaterialização” da informação ou da imagem digital mas sim “virtualização”. Embora o sistema digital seja mais leve e ocupe menos espaço que a fotografia tradicional, a imagem precisa de um suporte para existir: acontece que o suporte agora é outro, os materiais são mais frios – para ver a imagem em um computador ou imprimí-la precisamos de um cabo USB, a manipulação é feita utilizando um mouse... O suporte da fotografia muda, mas precisa existir para que a imagem seja atualizada. “Mais fluida, mais volátil, a gravação digital ocupa uma posição muito particular na sucessão das imagens, anterior a sua manifestação visível, não irreal nem imaterial, mas *virtual*.” (LÉVY, 1999, p. 54)

Os diários visuais

O fenômeno dos fotologs ou fotoblogs surge a partir dos weblogs, ou simplesmente blogs – diários pessoais publicados na Internet com o relato do cotidiano do autor, muitas vezes acompanhado de imagens produzidas com as webcams, câmeras normalmente usadas sobre o monitor do computador para capturar a imagem do usuário em serviço de conversação. Bastante simples, as webcams costumam apresentar baixa qualidade nas imagens produzidas, mas tem um preço relativamente baixo se as compararmos com as câmeras digitais de maior autonomia e resolução. Como os weblogs são centrados no texto, no relato das experiências individuais do cotidiano, ainda que as imagens exerçam um apelo aos *voyers*, a baixa qualidade das imagens não é um problema.

Muito mais visuais e fluídos que os weblogs são os fotologs ou fotoblogs, álbuns fotográficos virtuais, diários também, mas baseados em fotografias. Ambos são fenômenos da cibercultura que eclodiram no ciberespaço nos últimos anos. Em *Cibercultura*, Pierre Lévy define o ciberespaço, ou “rede” como

o novo meio de comunicação que surge da intercomunicação mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 17)

Já a cibercultura pode ser definida como a “forma sócio-cultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica”

(LEMOS, 2003, p. 12). Ciberespaço e cibercultura crescem juntos e representam o momento atual em que vivemos, momento marcado pelo desenvolvimento vertiginoso da comunicação através de satélites e da tecnologia digital, o que nos permite estar em contato com qualquer ponto do mundo sem sair do lugar.

O formato do fotolog foi criado por três jovens norte-americanos em 2002, e o logo se tornou bastante popular nos Estados Unidos e em vários países, em especial entre brasileiros. Dos 75 mil álbuns criados até outubro de 2003 no site www.fotolog.net, quase metade dos proprietários eram de conterrâneos (PREUSS, 2003, p. 118). No Brasil os diários visuais também ficaram conhecidos como fotoblog⁴, nome dado pelo portal UOL, que aproveitou a febre e passou a oferecer o serviço gratuitamente em sua versão mais simples, isto é, com espaço reduzido.

Para Acácio Nascimento, jornalista e fotoblogueiro⁵ atuante, a causa da rápida proliferação dos álbuns de fotografias na Internet é a sua simplicidade de uso (NASCIMENTO, 2004, p. 92). Para criar um fotolog ou fotoblog é preciso, uma vez conectado à Internet, entrar em um portal, fazer a inscrição como novo usuário, criar um nome e uma senha e, após a confirmação da conta por email, começar a publicar as fotos (ou postar, na gíria dos blogueiros), que podem receber legendas do autor e comentários dos visitantes. Para ter direito a colocar mais fotos e receber mais comentários por foto, é necessário pagar uma taxa.

Diário pessoal visual, álbum de fotografias, exposição em praça pública: os fotoblogs podem ter parentesco com uma dessas formas, ou ser tudo isso ao mesmo tempo, dependendo do interesse do usuário. Há fotoblogs mais pessoais, com auto-retratos, fotos de festas com amigos, muitas vezes sem preocupação técnica/estética com as imagens publicadas, com as legendas apresentando as datas e pessoas reunidas no evento.

Em outros casos, estes sem dúvida mais interessantes para aqueles interessados na arte/técnica fotográfica e que não pertencem ao círculo de amizade do blogueiro, as fotos não se restringem ao universo particular do autor, procurando explorar mais as potencialidades estéticas e comunicativas da fotografia. Aí temos imagens de paisagens,

⁴ Neste trabalho será usada tanto a expressão *fotoblog* como *fotolog* para se referir aos diários visuais/virtuais. Embora alguns usuários usem as duas diferentes expressões para marcar o site ao qual estão vinculados, esta diferenciação não será feita aqui.

⁵ São chamados de *fotoblogueiros* ou simplesmente *blogueiros* aqueles que publicam fotografias nos álbuns da Internet.

objetos, fotos simuladas e manipuladas em *software* de edição de imagem, registro de movimento na forma de “borrões”, uso dos mais variados recursos da câmera. O registro do universo pessoal do fotógrafo pode aparecer em auto-retratos, fotos do quarto ou de objetos pessoais, mas não se restringe a isso. As legendas podem ser mais ou menos extensas, ou mesmo nem existir, vai depender da imagem, da mensagem que o usuário quer transmitir e do tempo disponível para o blog⁶. O número de visitantes que registram comentários é, de modo geral, bem superior nestes casos do que nos fotoblogs mais pessoais. Os depoimentos costumam girar em torno de uma imagem ou do conjunto do trabalho do blogueiro.

É bastante evidente a busca pela reciprocidade, uma vez que os comentários, embora assinados muitas vezes apenas com codinomes ou iniciais, indicam o email e o fotoblog do visitante. Assim tanto o proprietário do blog visitado como outros que venham a visitá-lo podem conhecer o site daquele que postou o comentário. Outra estratégia para divulgar os fotoblogs é colocar alguns como “favoritos”. De modo geral, há uma troca de “favoritos”; o autor de um fotoblog “x” elege cinco ou seis blogs entre seus preferidos. Para retribuir a exposição, cada um destes acaba colocando o fotoblog “x” como favorito também.

Há também a opção de compartilhar um fotoblog com um grupo em que todos seus integrantes podem postar fotografias. Ou ainda criar um fotoblog com acesso restrito. Neste caso só poderá acessar o blog aqueles que tiverem a “chave”, isto é, uma senha de acesso.

A UOL, cujo serviço de fotoblog tem sido bastante utilizado no Brasil, oferece algumas ferramentas interessantes para a configuração dos álbuns no site www.fotoblog.uol.com.br, como a possibilidade de apresentar o perfil do usuário na forma de avatar e um pequeno texto com as descrições que se deseja divulgar. Avatar ou *doll* é um boneco que serve para identificar o usuário, criando uma cara para o personagem. No caso do site da UOL, esse boneco é montado a partir de opções pré-estabelecidas. Depois de escolher o sexo (masculino ou feminino), a cor da pele e a cor do cabelo, aparecem na tela do computador os ícones para montar o boneco, o que é feito selecionando cabeça, tronco e membro entre as variações disponíveis de tipos físicos, cortes de cabelo e vestuário. Depois de escolhido o ícone, o usuário pode

⁶ Embora blog originalmente seja o diminutivo de weblog, nos diários virtuais essa expressão aparece com

acrescentar informações opcionais como, por exemplo, idade, país, região e cidade de origem, línguas que fala, áreas de interesse e contato extra-blog através de email, ICQ ou outros.

Já a opção “humor do dia” conta com 39 possibilidades que vão de “apaixonado” à “mal humorado”, passando por “com fome”, “muito feliz”, “doente”, “devagar”, “com sono”, “correndo” etc.

Através do perfil do usuário foi possível perceber que a idéia bastante difundida de que os álbuns virtuais são criados e freqüentados apenas por jovens e adolescentes é equivocada. Partindo de um blog de referência, no caso o de Acácio Nascimento, e a partir daí visitando fotoblogs aleatórios, escolhidos entre os favoritos, pude verificar que, de 11 álbuns pesquisados, 5 não forneciam idade (o de Nascimento era um deles), sendo que destes 5, apenas 2 não apresentavam nenhum perfil. Dos 6 que apresentavam esta informação, 3 diziam ter entre 26 e 35 anos, 2 de 20 a 25 anos e uma usuária afirmou ter entre 46 e 55 anos. Esta mesma usuária era a autora de outro blog, um dos 2 blogs que não tinham perfil e um dos 5 sem apresentar idade - ela pode ser reconhecida pelo nome que é apresentado cada vez que uma imagem é postada.

Em uma sala de aula com 11 alunos do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Regional de Blumenau, período matutino, na faixa etária de 19 aos 23 anos, 5 disseram possuir fotoblogs ou fotologs, sendo que um aluno disse compartilhar o seu com a namorada. Esse mesmo aluno informou que sua mãe possuía dois álbuns virtuais.

Após surfar (para usar uma expressão êmica) por dezenas de fotoblogs e fotologs, podemos verificar que os usuários deste novo meio de comunicação formam grupos heterogêneos no que diz respeito à idade, profissão, e mesmo freqüência de acesso aos blogs. Embora não seja necessário se identificar, em muitos casos descobrimos informações do autor do blog através das legendas e dos comentários das fotografias. A postagem de comentários tem de ser assinada através de um email ou do endereço de um fotoblog, o que confere responsabilidade ao autor do texto, também permitindo que possamos nos remeter ao seu blog, aonde teremos mais informações. Uma das características dos diários visuais é que, uma vez iniciada a navegação, podemos “saltar” para os mais variados blogs, “cair” nos mais distintos sítios, abandonando o

freqüência, tendo sido incorporada no jargão dos seus praticantes.

completamente o ponto de partida. Há uma multiplicidade de opções, um excesso de possibilidades, todos acessíveis e disponíveis (menos os restritos).

Com relação às fotografias publicadas nos fotoblogs, também podemos encontrar grande variedade de tipos. A qualidade estética e técnica da imagem vai depender da relação e do conhecimento do autor com relação à arte/técnica fotográfica. Alguns álbuns pertencem a fotógrafos profissionais que usam o recurso de forma lúdica ou que procuram, através do blog, refletir sobre algum tema específico, divulgar seu trabalho ou mesmo outros sites. Há fotoblogs de aficionados que buscam mostrar suas fotos e trocar informações sobre fotografia. E há blogs que funcionam mais próximos dos velhos álbuns no sentido estrito – uma forma de registrar, mas aqui também de divulgar na rede, imagens de amigos, parentes, colegas.

Em seu estudo sobre os weblogs, Paula Sibilia aponta, ao discorrer sobre os diários íntimos na Internet e sobre seus “ancestrais”, os diários privados que proliferaram no século XIX, que não devemos ver nestas novas práticas “simples adaptações contemporâneas das velhas práticas”, pois “muitas vezes as práticas persistem mas seus sentidos mudam” (SIBILIA, 2003, p. 146). Os fotoblogs lembram os álbuns de fotografia uma vez que são constituídos de uma porção delas, mas a circulação e exibição dos álbuns de família, por exemplo, sempre foi muito mais restrita. Mesmo a noção de diário, objeto de estudo de Sibilia, não é própria, uma vez que os diários do passado também não eram expostos.

Ainda que as fotografias individuais pudessem circular ou ser objeto de coleção, o que vemos na Internet é uma nova forma de comunicação e expressão, forma esta que está sintonizada com o tempo em que vivemos: a cibercultura. A exibição de fotografias pela Internet reconfigura a noção dos álbuns de fotografias do passado, do que é próprio de ser registrado ou não. A conexão de computadores em rede instaura novas formas de comunicação e relação social, com abundância de imagens e informações que podem ser selecionadas, mas não controladas.

A conexão generalizada traz uma nova configuração comunicacional onde o fator principal é a inédita liberação do pólo da emissão – chats, fóruns, e-mail, listas, blogs, páginas pessoais – o excesso, depois de séculos dominado pelo exercido controle sobre a emissão pelos *mass media*. (LEMOS, 2003, p. 15)

Olhando para os fotoblogs e suas imagens luminosas, mais do que apenas exibir imagens, o que vemos é um exercício da possibilidade de criar – imagens, textos, enfim, sentido. Daí a comemoração dos autores quando o fotoblog registra um grande número de visitantes, ou quando uma foto é bastante comentada. Por isso a preocupação em manter o site atraente, atualizado com novas fotos, ou em visitar outros blogs e postar ali um comentário para divulgar o próprio blog.

Mas, juntamente com a polifonia instaurada, o fotoblog permite uma *troca* para além das imagens e comentários. Tão importante quanto o que se troca, neste caso a qualidade das imagens ou dos depoimentos, é o ato mesmo de trocar. Na troca de fotografias, vemos a relevância de se estar *conectado* e de estabelecer relações com o Outro, trocando imagens de si, expondo-se, mas exibindo também imagens discursivas, pontos de vista sobre os mais variados assuntos que estimulam outros e assim por diante, justificando os acessos aos fotoblogs para ver o que há de novo, ou para postar mais uma fotografia.

A extensão e o adensamento das redes de transporte e de comunicação se manifestam por um processo de interconexão geral que implica um retraimento do espaço prático e, no mesmo movimento, uma aproximação dos humanos e um alargamento de suas perspectivas: eis, em suma, a essência do processo de planetarização. (LÉVY, 2001 p. 41)

Assim, o fotoblog opera estabelecendo relações virtuais onde fotografias e depoimentos são moedas de troca, objetos simbólicos que devem seu valor a sua constante circulação.

Referências bibliográficas

AUMONT, Jaques. *A Imagem*. Campinas: Papyrus, 1993.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LEMOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs.) *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23.

LÉVY, Pierre. *A conexão planetária*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papyrus, 1997. Cap. 5: Formas expressivas da contemporaneidade, p. 235-261.

NACIMENTO, Acácio. Fotoblog: você ainda vai ter um. *Fotografe Melhor*, São Paulo: Europa, nº 99, p. 92-94, dezembro 2004.

PREUSS, Julio. *Fotografia Digital*. Rio de Janeiro: Axcel, 2003.

SCHMITT, Fernando B. *Fotografia: do analógico ao digital*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC, 1999. Texto não publicado.

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs.) *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 139-152.

VICENTE, Carlos Fadon. Fotografia: a questão eletrônica. In: SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 327-336.